Acervo ISA

FUNDAÇÃO PROJETO RONDON

O Projeto Rondon, vinculado ao Ministério do Interior, teve sua criação autorizada pelo Decreto 62.927 de 28 de junho de 1968. Foi reorganizado na forma de fundação através da Lei 6.310 de 15 de dezembro de 1975. Sua finalidade básica é o desenvolvimento regional, a integração nacional e a valorização do homem, através da ação do estudante na mobilização e organização das comunidades.

Com o seu programa editorial, a Fundação Projeto Rondon pretende fornecer uma contribuição objetiva para a compreensão do arcabouço constitucional e institucional do quadro econômico, político e social e da formação histórica do nosso País, repassando, assim, conhecimentos essenciais para o esforço de mobilização e organização comunitária para a melhoria da qualidade de vida do homem brasileiro.

UMA EXPEDIÇÃO AO XINGU

KARL VON DEN STEINEN

LEITURAS BRASILEIRAS

FUNDAÇÃO PROJETO RONDON – MINTER
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – SESU

Acervo ISA

PUBLICAÇÕES FUNDAÇÃO PROJETO RONDON

LEITURAS BRASILEIRAS

1. *Fases do Segundo Império* – Capistrano de Abreu
2. *Conselhos a Governantes* – Maurício de Nassau, Marquês de Pombal, D. Pedro II
3. *Uma Expedição ao Xingu* – Karl von den Steinen
4. *Resumo Histórico das Revoluções no Brasil Desde a Chegada do Rei D. João VI à América até a Abdicação do Imperador D. Pedro* – Auguste de Saint-Hilaire
5. *A Escravidão no Brasil* – Henry Koster e Tollenare
6. *Notícia do Brasil* – Anchieta
7. *Os Índios do Brasil* – Gabriel Soares de Souza
8. *A Lei Eleitoral e os Partidos no Brasil* – Jean Blondel
9. *Síntese da História Administrativa do Brasil* – Pandiá H. T. Castelo Branco
10. *D. João VI no Brasil*

LEITURAS UNIVERSITÁRIAS

1. *Formas de Governo* – Heródoto, Políbio, Montesquieu
2. *Maquiavel* – Batkine e I. Berlin
3. *Três Vezes Siracusa* – Cícero, Platão, Tucídides
4. *O Julgamento de Sócrates* – Platão e Xenofonte
5. *A Representação* – Burke, Hobbes, Rousseau e Stuart Mill
6. *Doutrinas e Formas de Organização Política* – G. D. H. Cole
7. *A Herança da Civilização Ocidental* – A. D. Lindsay
8. *Sistemas Eleitorais* – Jean Meynaud
9. *As Idéias Liberais* – Hermann Heller
10. *Os Grupos de Pressão* – F. Badia e Robert Dahl

CONSTITUIÇÕES DO BRASIL

(Em convênio com o Programa Nacional de Desburocratização)

1. A Constituição de 1824
2. A Constituição de 1891
3. A Constituição de 1934
4. A Constituição de 1937
5. A Constituição de 1946
6. A Constituição de 1967

Coordenação: Walter Costa Porto
Projeto Técnico: Eiiti Sato

INSTI... ...ENTAL
Data
Cod

UMA EXPEDIÇÃO AO XINGU

KARL VON DEN STEINEN

LEITURAS BRASILEIRAS

FUNDAÇÃO PROJETO RONDON – MINTER
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – SESU

Acervo ISA

MINISTRO DO INTERIOR
Ronaldo Costa Couto

PRESIDENTE FUNDAÇÃO PROJETO RONDON
Romero Jucá Filho

CONSELHO EDITORIAL

Presidente
Walter Costa Porto

Membros
Aníbal Teixeira
Antonio Carlos Dequech
Carlos Pereira
Deusdedith Aquino
Eiiti Sato
Enéas Farias
Gilka Celestino
Jorge Antonio Cavalcanti da Silva
Joaquim Francisco de F. Cavalcanti
José Jorge de Vasconcelos
Marcus Vinícius Vilaça
Norma Guimarães Azeredo
Paulo Eupídio de Menezes Neto
Silvio Amorim
Vicente Barretto

Apoio do Ministério da Educação

MINISTRO DA EDUCAÇÃO
Marco Maciel

Secretário da Educação Superior
Gamaliel Herval

UMA EXPEDIÇÃO AO XINGU

KARL VON DEN STEINEN

Acervo ISA

POR DUAS VEZES, em 1884 e em 1887, Karl Von Den Steinen, psiquiatra alemão que se dedicou à Etnologia, visitou o interior do Brasil.

Na primeira ocasião, partiu ele de Cuiabá, no final de março e, após contatar as tribos dos bakairís, dos Krutenáus, dos trumais, dos Suyas e dos Jurunas, chegou a Belém em 30 de outubro, cinco meses depois.

Karl Von Den Steinen narrou essa viagem em seu livro *O Brasil Central: Expedição em 1884 para a Exploração do Rio Xingu* (Coleção Brasiliana, Vol. III, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1942).

A segunda expedição, em 1884, foi objeto de conferência que ele proferiu na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, em julho de 1888 e que transcrevemos a seguir.

Uma Expedição ao Xingu

IMPERIAL SENHORA! SENHOR PRÍNCIPE! – E um fato pouco lisonjeiro, porém, fato é: a ciência é também sujeita à moda.

Na nossa geografia a influência desta deusa caprichosa percebe-se facilmente.

Depois que a primeira geração do nosso século entusiasmou-se pelas viagens no Amazonas e a segunda pelas do pólo Norte, a atual entregou-se de corpo e alma à exploração da África Central; ficou assim reconhecido nos seus mais remotos esconderijos o continente negro; tornaram-se, porém, um verdadeiro anacronismo as pesquisas geográficas no interior da América do Sul.

Talvez não seja para admirar; tem-se visto como o Brasil, sob o governo justo de seu grande imperador, se transformou em um Estado altamente bem-desenvolvido e esqueceu-se um pouco que este colosso terrestre ainda hoje abrange regiões imensas, que são inteiramente desconhecidas.

Com admiração geral pela primeira expedição do Xingu, o mundo veio a saber que no centro do Império ainda vivem muitos milhares de homens, que mesmo não sabem, que existe uma raça branca e um estado poderoso a cujas leis eles mesmos estão sujeitos; homens que até agora representam as antigas condições primitivas, que no começo do século dezesseis foram encontradas pelos primeiros descobridores da América.

Estas tribos perante as quais apareceram pela primeira vez homens de cor branca e cor preta, vestidos à européia, sem flechas e sem arcos, não conheciam animais domésticos como os cães, nem bananas, nem cana, nem bebidas alcoólicas e, principalmente, ignoravam absolutamente a existência e o uso dos metais. Todos os produtos de sua indústria mecânica eram fabricados com o auxílio de *conchas, dentes e machadinhas de pedra,* e a matéria aproveitada: madeira, folhas, frutos das árvores e ossos dos animais da mata virgem.

O que, porém, constitui o resultado mais interessante e mais fundamental para a ciência é o fato de falarem todas estas tribos línguas

Acervo ISA

diversas e pela sua origem pertencerem a famílias as mais diferentes dos aborígenes, que nos tempos pré-históricos se achavam espalhados por todo o continente desde o Prata até as Antilhas, das costas do mar até as Cordilheiras... Assim fiquei habilitado a fazer uma nova classificação nesta babel das inúmeras línguas indígenas no norte e no sul do Amazonas, a qual separa uma grande parte destes idiomas sem nexo para formar grupos determinados. Eu tive a satisfação de ver que o americanista mais competente de nosso tempo, o lingüista francês Lucien Adam, se conformou com grande entusiasmo pelas novas hipóteses.

Em verdade, conhecemos no globo ainda um certo número de povos que, tendo um contato apenas superficial com a civilização, se serve conjuntamente da pedra e do ferro, mas só em poucos lugares pode-se presumir o encontro de uma ou outra tribo, absolutamente desconhecedora da existência do ferro, no entanto que achar um grupo inteiro e composto de elementos muito diferentes que ainda hoje vive na idade da pedra, é uma descoberta certamente inesperada. A explicação, não obstante tudo isso, é fácil de dar-se.

No sul do Xingu estende-se o sertão imenso e estéril do platô central com pouca caça e rios muito pequenos e cheios de quedas – o que forma necessariamente um impedimento natural para ser povoado pelos índios.

E quanto ao norte, o mesmo Xingu, de todos os afluentes do Amazonas o mais encachoeirado, atravessando no meio do seu curso um território montanhoso e de mata virgem, tem aí a correnteza tão violenta que as canoas fracas em uso pelos indígenas da parte superior, feitas de uma casca de árvore, não podem de maneira alguma vencer estes saltos, cachoeiras e corredeiras.

Nós mesmos teríamos sucumbido em 1881, sem dúvida alguma, nestas paragens, se não deparássemos, finalmente, e quando já estavam quase inutilizadas as nossas canoas de casca, com os Yuruna, que nos forneceram canoas de madeira, fortes, e com elas nos guiaram por sobre as cachoeiras sem número.

Todas as tribos que encontramos habitam por gerações o mesmo território: elas têm tradições determinadas a respeito de suas transmigrações anteriores, mas nem a gente mais velha tinha notícia de terem os Karaíbas (como nos chamaram) jamais descido o rio, e que era para eles fato inteiramente novo e de que nunca houve lembrança alguma.

Ora, tendo pela primeira viagem obtido resultados tão surpreendentes, cuja importância excedeu muito o interesse geográfico e cartográfico na exploração de um grande rio – resultados que eu dei a publicidade em um livro editado em língua alemã e dedicado à Sua Majestade D. Pedro II –, foi somente natural que, depois de restabelecido de minha saúde, bastante enfraquecida, eu me resolvesse de novo a procurar outra vez aquelas águas em companhia de alguns amigos, muito melhor preparados agora em razão das nossas experiências e fornecidos com todo o aparelho de instrumentos apropriados.

Além do meu primo Guilherme, aqui presente, fui acompanhado pelos Drs. Ehrenreich e Vogel, dos quais o primeiro repartiu comigo o trabalho antropológico e fez muitas fotografias, e o segundo, professor de matemática na escola militar de Munique, tomou conta das observações astronômicas, magnéticas, meteorológicas e geológicas.

O Sr. Dr. Ehrenreich, depois de acabada a expedição, foi à província de Goiás, donde descera pelo Tocantins, para fazer nos índios investigações determinadas, que têm um nexo direto com os nossos estudos do Xingu e a transmigração de seus indígenas.

O Sr. Dr. Vogel se achará aqui dentro de poucos dias para retirar-se em seguida para a Alemanha.

Demorou-se empreendendo uma viagem junto com o diretor da colônia militar de São Lourenço para o fim de melhorar a comunicação entre Cuiabá e Santana de Parnaíba, por meio de um caminho mais curto e que seja transitável no tempo das águas.

Esta empresa, que foi iniciada pelo Sr. Francisco Antônio Pimenta Bueno, vencendo somente uma parte das dificuldades, foi agora, com felicidade e bom êxito, terminada pelo Sr. Dr. Vogel, e por suas determinações astronômicas o mapa daqueles territórios ficou melhor organizado.

Não pode ser meu intuito neste lugar apresentar os resultados da nossa viagem *in extenso,* pois que precisam ainda de estudos aprofundados e de cálculos; mas posso comunicar desde já que eles são mais numerosos e interessantes do que era permitido esperar.

Nesta ocasião limitar-me-ei – relativamente aos estudos sobre os indígenas do Mato Grosso – apenas à nossa expedição ao Xingu, e assim serei obrigado, a contragosto, separar do corpo de meu discurso a parte que se refere aos índios Parecis, que moram perto de Diamantino, e a meu pedido foram chamados a Cuiabá pelo presidente da província para esclarecer algumas questões interessantes, bem assim a excursão à colônia Teresa Cristina no rio S. Lourenço – habitada pelos índios chamados Coroados, que são os Bororos – a qual foi feita nos meses de abril e maio deste ano, para observar os costumes desta tribo forte e de grande importância em relação à ciência antropológica.

Ao menos, porém, me seja permitido dizer a tal respeito, atendendo ser a pessoa que maior número de tribos de índios de Mato Grosso tem visto, que a catequese dos Bororos, iniciada pelo presidente Sr. Dr. Galdino Pimentel tão enérgica e prudentemente, não se desenvolveu senão de um modo imperfeito sob o atual regime militar.

Estou eu bem convencido que com o sistema presente, com o qual os Bororos ficam mal-acostumados e viciados pelo uso de aguardente, e pela abundância de donativos que recebem sem prestar trabalho correspondente, hão de perder-se da mesma forma, como já aconteceu com muitos outros Bororos na mesma província.

Acervo ISA

Estes gentios, considerados valentes e bravos, nunca teriam matado tantas famílias de moradores, se eles não tivessem sido caçados como feras, pois no fundo da sua alma são simplesmente covardes.

Espero que a verdade, enquanto seja dura de ouvir-se, possa produzir alguma coisa de proveito.

Deviam ser tomadas a peito as experiências de um Couto de Magalhães, de um Barbosa Rodrigues, com quem me ligo de todo o coração, e ser seguidas as instruções excelentes do presidente atual, o Sr. Coronel Melo Rego, cujo amor à justiça e à economia é desagradável infelizmente a muitos.

Ele, como eu, é de opinião que será muito prudente confiar a direção da Colônia aos padres, que na sua organização da catequese nunca foram excedidos por ninguém.

Tendo chegado da Europa ao Rio de Janeiro já no fim de fevereiro do ano passado, não nos foi possível realizar o nosso programa de partir de Cuiabá para as cabeceiras do Xingu no mês de maio, por estarem interrompidas as comunicações de Mato Grosso com o litoral em conseqüência do aparecimento do cólera-morbo.

À vista disto, aproveitamos as férias involuntárias para irmos a Santa Catarina fazer escavações nos sambaquis desta província. Somente no princípio de julho fizemos a nossa entrada em Cuiabá.

Lá naquela ocasião ocorreu um epílogo lamentável em relação à nossa expedição anterior.

Dos dois oficiais, que o Governo Provincial mandou conosco em 1884, um infelizmente foi tão pouco apropriado àquele mister, que nos forçou a fazê-lo retirar em viagem para evitar o malogro da empresa já em seu princípio.

Este, porém, despeitado, representou contra o Capitão Francisco de Paula Castro, que, a nosso pedido, havia tomado o comando da força e neste cargo provou ter grandes merecimentos e ser um excelente companheiro.

No entanto em vista daquela queixa o nosso amigo Castro ficou preso desde março até novembro para responder a conselho – dois anos depois de terminada a nossa expedição.

Agora julgo ser de meu dever declarar a grande satisfação que tenho de ter sido unanimemente absolvido o dito capitão pelo conselho supremo militar.

Também no ano passado a autoridade superior da província nos prestou um serviço assinalado mandando um oficial, o Sr. Alferes Luiz Perrot, do 8º batalhão e quatro cabos para o nosso séquito.

O alferes Sr. Januário da Costa, que na qualidade de 1º-sargento do piquete nos acompanhara em uma parte da primeira expedição, embora estivesse presentemente reformado, voluntariamente ofereceu-se para nos seguir.

Incluindo os três nossos camaradas e o índio Bakairí Antônio, sertanejo, experimentado e nosso companheiro já em 1884, que fomos buscar no Paranatinga, a expedição constava de 14 pessoas.

Tínhamos 16 mulas de carga, das quais 4 pertenciam ao piquete.

O Sr. Perrot ia a cavalo; ao velho cavalariano Januário fornecemos uma mula; nós e os camaradas íamos a pé.

O número das pessoas provou-se diminuto para o trabalho, porém grande em demasia a respeito do seu sustento.

De meu primo Guilherme e de mim devo dizer que, durante toda a viagem, servimos até de peões; pois fomos tropeiros enquanto caminhamos até o Paranatinga em estrada aberta, no sertão depois abrimos picadas, guiados por Antônio, adiante de nossos companheiros, e no rio, junto com ele sempre na frente da flotilha, remamos como qualquer outro camarada ou soldado.

No dia 23 de julho saímos de Cuiabá.

Para o fim de completar o mapa escolhemos uma direção diferente daquela que seguimos em 1881. Passamos o rio Manso e no dia 16 de agosto chegamos ao aldeamento dos Bakairí mansos no rio Paranatinga. É este o tributário do Tapajós, para cuja exploração científica esta sociedade mandou, há pouco, uma comissão. Dou meus parabéns aos autores desta idéia feliz pela escolha excelente deste problema. Da sua primeira solução feita no princípio deste século pelo Tenente Peixoto apenas constou a circunstância fundamental que o Paranatinga, considerado naquela época como cabeceira do Xingu, leva suas águas ao Tapajós. Hão de ligar-se os estudos desta comissão estreitamente aos nossos, pois para as cabeceiras e o curso superior do mesmo Paranatinga, que eles agora pretendem descer, da nossa parte já fixamos uma série de determinações astronômicas como também já delineamos três diversos roteiros de Cuiabá ao Paranatinga.

Ora, depois de ter atravessado este último rio, alcançamos em poucos dias aquele afluente do Xingu no qual embarcamos em 1884 e que chamamos "rio Batovy". Desta vez quisemos tomar o Kuliseu, outro braço do Xingu pelo lado de leste. Seguimos na direção de nordeste.

As dificuldades do terreno tornaram-se cada vez mais desagradáveis; chapadas íngremes, barrancos e riachos estragaram os nossos pobres animais; finalmente no dia 6 de setembro reconhecemos, tendo na nossa frente léguas e léguas de cerradão, que seria impossível prosseguir a pé; resolvemos por isso continuar nossa viagem pelo rio, que aí tem uma largura somente de 50 metros mais ou menos.

Este último pouso de 7 de setembro, que batizamos de Independência, foi designado para servir de invernada e aí ficaram Januário e três companheiros com os animais; os outros dez deviam seguir a viagem fluvial.

Para nossa alegria contribuiu muito o encontro neste lugar de vestígios certos da existência de indígenas; galhos quebrados nos indicaram

Acervo ISA

o caminho onde eles estiveram frigindo peixe e mais além achamos um rancho caído.

Enquanto meus companheiros deviam fazer um reconhecimento pelo mato, a fim de verificar se o lugar escolhido para a invernada era realmente o mais próprio, eu com o Bakairí Antônio e mais um camarada, que eram os melhores da nossa gente, tencionamos ir em busca dos índios.

Com toda a pressa fizemos uma canoa com casca de jatobá, e no dia 8 de setembro, ao meio-dia, descemos as águas, que infelizmente neste ponto são muito baixas e cheias de tropeços de árvores caídas.

Na manhã do dia 13 de setembro descobrimos um novo afluente no nosso rio e pouco depois avistamos pela frente uma cachoeira grandiosa que bem merece o nome de Salto, ao qual denominamos mais tarde, como uma grata lembrança, de Salto Senador Taunay.

Vestígios numerosos nos provaram que os índios não podiam estar muito longe; a sorte nos foi favorável.

A nossa convicção de que devíamos encontrar aqui com os Bakairis, os únicos com os quais Antônio se podia entender (como irmãos dos nossos bons amigos do Batovi), realizou-se perfeitamente.

Ao meio-dia, estando sentado sozinho na canoa, porque meus companheiros tinham ido explorar uma baía próxima, de repente percebi um homem nu rio abaixo, que também me avistava e remava para a margem.

Imediatamente eu me lembro das frases de Bakairí e com alta voz saudando o índio, este, cheio de medo e desconfiança, escondeu-se detrás de um pau seco e de lá gritou-me que ele era Bakairí, mas eu não.

Durante esta explicação, o Antônio chegou, e bem depressa a comunicação amigável estava estabelecida.

O índio era o cacique da tribo do primeiro aldeamento que estava ali pescando.

Em sua companhia, passamos com facilidade algumas fortes cachoeiras, e depois de uma viagem de 8 horas chegamos ao aldeamento que se acha a um quilômetro mais ou menos distante do rio.

No dia seguinte mandei voltar os dois camaradas à Independência com a boa notícia, e fiquei sozinho no meio dos amigos novos, a fim de aproveitar esta raríssima ocasião para os meus estudos.

Eu nunca me esquecerei da demora neste paraíso. Com os índios fui à pescaria, a qual é feita no rio a flechadas, ou em uma lagoa pequena por meio de cestos, que se jogam sobre os peixes.

Acompanhei-os à roça, onde cultivam mandioca e milho, cortando as árvores da mata virgem com machados de pedra, trabalho admirável de perseverança humana.

Por horas inteiras estive sentado junto do homem mais idoso do aldeamento, notando suas sentenças e palavras, enquanto estava ele tecendo cestinhos bonitos.

Vi e contemplei as mulheres que na choupana grande, de forma de cortiço, estavam ocupadas em raspar mandiocas, socando-a depois no pilão e fervendo-a, para fazer grandes beijus.

Com prazer recebi tudo que estes meus hospitaleiros amigos, vestidos à moda de Adão e Eva, trouxeram para comer – peixes fritos e mingau de mandioca sem sal, mangabas, pili e outros frutos que cultivavam perto das cabanas; somente bichinhos cascudos e suas larvas grossas recusei, considerando-os petiscos pouco compreensíveis.

Com o fim de contribuir para sua alegria, mostrei as maravilhas magníficas do nosso adiantamento; acendi fósforos; com canivete e tesoura cortei seus cabelos e unhas, serviços que eles têm de fazer por meio do capim-navalha e de dentes de peixe; mostrei e expliquei-lhes a agulha magnética, que eles denominaram *sol,* por lhes indicar a direção do meio-dia, e o relógio, que por trabalhar também durante a noite eles chamaram *lua;* mas o cúmulo de encanto para eles foi quando lhes fiz presente de perólas ou lhes permiti tirar um botão da minha roupa.

Logo depois do desaparecimento do astro solar, o Sênior se apresentou, em uma mão um pau aceso e a outra cheia de folhas de tabaco – e nós, homens, ficamos sentados de cócoras em troncos baixos para entregarmo-nos ao prazer de fumar. Eles aprontaram cigarros de comprimento de palmo e meio, enrolando o fumo seco nas folhas frescas e verdes de uma árvore do brejo, que exalaram um cheiro balsâmico e bem agradável.

Então me contaram quais são as outras tribos habitadoras nas margens do Rio; pessoalmente, porém, conheciam somente os vizinhos próximos, que são também os únicos cuja língua – também Karaíba – um pouco entendiam; observaram com atenção cada nuvenzinha no céu e me ensinaram sobre as estrelas uma astronomia esquisita; pois o Sol representa uma coroa de penas de arara, a Lua, outra de penas de japu, o Orion a estiva que eles usam para tornar a massa de mandioca, e as Plêiades um montezinho de farinha de mandioca, o Cruzeiro um mundéu para apanhar passarinhos, a Via Láctea uma árvore colossal sem folhagem, que se usa para produzir sons iguais ao jongo dos negros. Cada pio das aves ou voz de quadrúpedes, que vinha da mata aos nossos ouvidos, era observado por eles com toda atenção e imitado.

E eu lhes contei dos nossos milagres espantosos: dos cachorros, com cujo latido lhes causei um gozo imenso, dos carneiros, cujas peles forneceram minha roupa e cujos *més* a tribo inteira repetiu com gritos entusiásticos.

Logo que as canoas de casca de jatobá se apresentaram na invernada e foi também levantado um rancho para nossa gente, nós visitamos as três aldeias dos Bakairis, que nos receberam com alegria e boa hospitalidade.

As cachoeiras, que não obstante o auxílio prestado pelos índios nos causaram as maiores dificuldades, afinal desapareceram; chegamos a outra tribo, aos Nahukwás.

Acervo ISA

Estes formam o povo mais numeroso do rio Kuliseu, e em 5 ou 6 aldeamentos, por ele habitados, corre outro rio de dimensões maiores: o Kuluene, no qual desemboca o Kuliseu e que por si constitui o afluente principal do Xingu.

Estes homens, como os Bakairis, pertencem à tribo dos Karaíbas, isto é, são parentes e provavelmente progenitores do povo poderoso dos Karaíbas que ao norte do Amazonas habitam as Guianas; a sua existência forneceu-me provas novas e de grande valor para minha teoria, de que os Karaíbas transmigraram originalmente do sul ao norte.

Um caminho de duas léguas por entre árvores enfeitadas com desenhos sem número de diversas figuras levou-nos ao aldeamento dos Nahukwá. Intelizmente acharam-se sabedores da nossa chegada e, quando entramos aí, nem vivalma podíamos avistar e as casas se achavam fechadas. Somente depois de termos pronunciado em voz alta ao ar livre as nossas intenções pacíficas, muitos homens se apresentaram, rodeando-nos com gritos alarmantes, que ao mesmo tempo nos divertiram bem: "amigos somos, somos amigos na língua deles: atöte atöte natuquá atöte atöte atöte!!!" As casas porém estavam quase vazias, pois as mulheres ao menos – as moças – com todas as crianças e objetos portáteis tinham-se refugiado no mato.

Depois de algum tempo elas reapareceram em grupos pequenos, mas – como medir seus corpos, tirar fotografias, estudar suas especialidades etnológicas com gente tomada de tanto medo e desconfiança?

Para o fim de evitar esta adversidade com a tribo próxima, eu parti sem acompanhamento senão o de dois Bakairis bravos e com dois dias de antecedência aos Mehinákus. Meu modo de pensar era simplesmente o seguinte:

"O mais acertado será chegar eu sozinho, pois de um só homem, ainda que ele lhes parecesse muitíssimo estranho, uns 200 homens não teriam medo, e eu não tinha medo deles, pois em último caso levei na minha cinta o relâmpago e o trovão: o revólver, a única arma de fogo com que andei" (também aos nossos camaradas nunca foi permitido andar armados com espingardas nas visitas aos aldeamentos).

Depois da viagem de dois dias e meio achei o aldeamento dos Mehinákus algumas léguas no mato. Ninguém tinha pressentido a nossa chegada; um tumulto terrível levantou-se quando entrei na aldeia; atrás de mim os dois bons Bakairis, que tiveram a precaução de convidar-me já algum bom pedaço antes com todo o respeito e acanhamento para que eu ficasse com a honra de seguir na frente. Mas que quer dizer todo este barulho infernal, a massa destes homens nus e pintados, pulando armados com seus arcos e flechas; batendo nos peitos aparentando grande coragem; o que significa tudo isto, quando se sabe que só é praticado com o fim de ocultar o medo, que sem dúvida sentem? Só uma única circunstância é decididamente desagradável. Pegaram-me nos punhos e assim inabilitado para qualquer resistência fui levado para o centro do aldeamento! Porém fizeram

isto para guiar-me até à casa da festa, em frente da qual colocaram uns banquinhos baixos de forma de urubu ou onça e ali com jeito assaz violènto me fizeram assentar para contemplar-me, dirigiram-me um chuveiro de perguntas, que ainda não entendi e manifestaram seus sentimentos hospitaleiros por meio de beijus e mingaus.

Certamente é mister ter paciência e algum sangue-frio, mas também não tem a menor dúvida que se perderá quem cometer qualquer falta! Eu sempre fiz o mais possível para rir alegremente e confesso de boa vontade que acompanhei minha mímica involuntariamente com sentenças um tanto esquisitas em alemão; às vezes com recitações cômicas no nosso dialeto baixo, às vezes, com versos dos nossos grande poetas!

Mas o principal foi que os índios depositaram confiança em mim e que meus companheiros foram recebidos mais tarde com cerimônias solenes.

Os Mehinákus também habitam três aldeias; de lá fomos aos Auetés, que têm suas casas no meio de canais e lagoas, formando o ponto central do Kuliseu; aqui encontramos homens da tribo dos Waurás e dos Kustenáus, que moram para o lado do Batovi. Em, duas aldeias na margem de uma lagoa grandiosa vivem os Janalapitis, pescadores míseros e pobres, e pouco distante deles a tribo soberba dos Kamayurás da família legítima tupi, que falam a antiga língua geral e nos saudavam como seus irmãos, quando da nossa boca ouviram as palavras, que eles próprios usam para muitos animais e plantas: jacaré, cupim, jenipapo, mangaba, etc. etc.

A nona e última tribo foi a dos Trumáis, que se discrimina de todas as outras não só pela língua mas também pelo seu físico e que eu ainda não soube classificar, pois seu idioma não se parece de forma alguma com outro qualquer por mim conhecido.

Esta gente infeliz achou-se em circunstâncias muito desagradáveis; reside perto da confluência do Batovi com o Kuliseu, onde a encontramos já em 1884, quando por causa de um tiro casual correu em plena debandada. Agora, os seus inimigos, os Suyás, também nossos conhecidos da primeira expedição (botocudos com rodas de cortiça nos beiços furados, tribo guerreira do alto Xingu), caíram do norte sobre eles, queimaram sua aldeia e mataram muitos homens; então os coitados fugiram com suas mulheres e filhos para o sul, donde chegamos nós a ser para eles objeto de talvez ainda maior medo. Quando o Dr. Pedro Vogel com o Alferes Perrot foram procurar o ponto da confluência do rio Batovi com o Kuliseu e passaram além da aldeia abandonada, nós outros por acaso encontramos os Trumáis em seus esconderijos na mata.

Acompanhado só pelo Dr. Paulo Ehrenreich entrei uma boa tarde de repente no meio destes gentios muitíssimo feios. Nunca na minha vida vi uma cena mais excitada, jamais ouvi tantos e tão fortes gritos de homens e tantos guinchos de mulheres, mas também nunca vi mãos mais ligeiras para armar uma rede e arrancar do chão toda a vassoura entre as árvores, depois de eu ter acalmado o velho cacique, a quem declarava que em sinal de paz nós ficariamos no meio deles.

Acervo ISA

Só nos traços os mais ligeiros vou dar um sucinto esboço característico do estado da civilização natural destas tribos.

Todos estes índios regulam ter uma estatura baixa, são bem-proporcionados, ágeis, de cor de barro claro com cabelos pretos, ondulados em alguns indivíduos. Os Trumáis distinguem-se por uma estrutura mais fraca e fisionomia bruta.

Todos andam inteiramente nus; as mulheres, porém, trajam uma tanga de forma triangular feita de folhas de palmeira bastante modesta, sendo maior do que um olho, mas menor do que uma orelha.

Neste respeito, o sentimento de vergonha, oriundo da nossa educação, é inteiramente desconhecido por eles. Mas também não se pode contestar que já depois de uma curta estada no meio deles a sua nudez não dá mais na vista e pelo costume a falta de todas as vestimentas desaparece diante de nossos olhos.

Nós também, já disse um filósofo, no final de contas, estamos nus dentro da nossa roupa.

Os cabelos das mulheres caem nos ombros, os dos homens cortam-se em volta e em muitas tribos usam de coroa que servia originalmente de sinal distintivo nacional e é que, por engano, considerada como costume derivado dos padres. Todos os cabelos do rosto e do corpo tiram-se cuidadosamente e as pestanas arrancam-se já das crianças. Gostam de untar-se com o pó de carvão ou com azeite vermelho do pequi e urucu sobre o que os borrachudos e mosquitos ficam grudados e morrem.

As casas – ou redondas ou de forma elípticas – são altas e airosas e os protegem bem contra as chuvas; geralmente formam um círculo de grande diâmetro, em cujo centro se acha a casa de festa não-habitada. Às mulheres não é permitido penetrar nesta casa, e, para impedimento à sua curiosidade, serve de entrada uma abertura que tem menos de um metro de altura. Aqui no meio da aldeia, expostos à vista geral, passamos sempre as noites, lamentando muitas vezes o mau ingresso da porta pela qual só arrastando e sobre joelhos podíamos entrar.

As casas servem sempre para habitação de diversas famílias e estão cheias de cuias, panelas, cestos com provisões, armas e ferramentas, as redes – feitas das fibras de palmeira ou de algodão, e tecidas simplesmente à mão entre dois paus fincados no chão – penduram-se em toda volta na direção dos rádios. Em geral existem diversos fogões, durante a noite sustenta-se o fogo, pois o trabalho de fazê-lo por meio de trituração de dois paus é um tanto penoso.

A agricultura e a pescaria fornecem-lhes os principais gêneros para sua alimentação; a caça é de importância secundária; animais domésticos que conhecem são só os papagaios, periquitos e japus; com os nossos cães ficaram muito assustados.

Cultivam-se entre eles o milho indígena, pequi mangaba, algodão, fumo, palmeiras de bocaiúva, em alguns lugares também batata doce, cará,

fubá; desconhecidos por eles se acham não só o arroz, a cana, o aipim, etc., como também as bananas, tanto a da terra, como a de S. Tomé ou outras.

Suas roças ocupam um espaço considerável e certamente podem bem sofrer a comparação com as de trabalhadores civilizados.

E foram cortadas por meio de pedras amoladas menores do que a mão do homem e presas num cabo de madeira. Tomados de admiração imensa, passamos por uma roça, nova, olhando estupefatos para as gigantes caídas de mata virgem, cujos troncos ainda mostravam os talhos inúmeros de cada pancada dada com instrumentos de pedra.

Nunca esqueceremos com que admiração estes índios olharam para nossos machados comparando o nosso trabalho braçal – a dos Karaíbas – com o deles. Disseram muitas vezes: "O sol nasce – no mato o Bakairí corta –, o sol indica meio-dia – o Bakairí bate, o estômago vazio, seu braço já cansado –, o sol abaixa e desaparece, e ainda o Bakairí corta – e ainda não acabou –; vem o Karaíba com seu ferro – tök tök, já caiu o pau".

O primeiro machado receberam os Anetos em troca de uma canoa grande, que tinham de carregar nos seus ombros em uma picada de duas léguas desde a sua lagoa até o rio – e em cima mostraram-se muito contentes com o negócio brilhante que fizeram.

As pedras servem-lhes de machados e martelos; de pedaços apontados aproveitam-se para furar as argolas de pedra e conchas que trazem penduradas ao pescoço.

Em lugar de facas usam os dentes de piranhas e de peixe-cachorro; conchas do rio com um furo aberto empregam para aplainar e alisar madeira.

Viram a terra com paus ponteados e servem-se para o mesmo fim das unhas do grande tatu canastra.

As pedras mais apropriadas para machados são apanhadas nos leitos de riachos, de que é possuidora uma só tribo.

Dela as outras as recebem.

Não se deve presumir por isto que aqueles índios conhecem de forma alguma o comércio verdadeiro de permutação. Nas visitas a uma tribo estranha cada índio leva e dá os objetos por ele produzidos, por exemplo, fio de algodão, cuias, etc., e na partida ele recebe o que mais precisa. A permutação porém de objetos em relação à idéia de valor é-lhes inteiramente desconhecida.

Em comunicação conosco ficaram mais sabidos; mas ainda assaz tolos, pois como eles nos deram uma canoa em troca de um machado americano, da mesma forma queriam obter um machado por um cestinho cheio de frutas de mangaba, apanhadas do chão no mesmo instante.

Esta forma primitiva das relações comerciais abrange ainda um outro artigo indispensável na vida doméstica – os produtos cerâmicos.

Nas tentativas de dar aos vasilhames de barros as formas de animais: tatus, jabutis, morcegos, etc., observa-se um princípio modesto, porém sempre admirável, de desenvolvimento artístico.

Acervo ISA

Só as mulheres fabricam as panelas, porque sendo elas que preparam a comida, as inventaram.

Também são só as mulheres de certas tribos que exercem esta arte, sendo muito interessante saber-se que estas tribos pertencem àquele grupo que por determinadas razões lingüísticas eu classifiquei entre os Nuaruáks, cujos parentes do norte do Amazonas são notáveis por suas obras cerâmicas.

Portanto, parece que em todos os pontos importantes a lingüística e a etnologia destas tribos do Xingu unem-se de uma maneira característica para o fim de esclarecer-nos sobre sua origem. É muito digno de nossa observação que também são só as mulheres destas tribos keramicas que conhecem e praticam em pequena escala a arte de pontilhar o corpo humano com a ornamentação, que tem relações diretas com as figuras das vasilhas.

Todos os objetos novos pintam-se com urucu, não obstante este desaparecer em pouco tempo com o uso.

Também com urucu pinta-se o corpo dos adultos e das crianças nas festas preparadas para receber hóspedes ou parentes, que voltam de fora.

O produto mais perfeito da sua arte é o das máscaras, que são usadas nas danças.

Entre as tribos Tupi, do Xingu, são elas fabricadas de tecidos pintados, nas outras de pedaços pesados de madeira, com grandes narizes e aberturas pequenas para os olhos, enfeitadas com um desenho simétrico do rosto, dentadura de dentes de piranha e olhos de conchas do rio.

Assistimos a grande número de danças, parcialmente arranjadas em nossa honra, que às vezes duraram a noite inteira – geralmente só os homens tomam parte nelas; apresentam-se com seus enfeites de penas, e o corpo envolvido em capas feitas das fibras da palmeira buriti.

Estas representações têm formas diversas, mas em todas elas bate-se com o pé, marca-se constantemente o compasso com as maracás, chocalhos – e canta-se, ao mesmo tempo, cantigas simples, geralmente melancólicas e de sons solenes, cujo texto contém palavras antigas que evidentemente eles mesmos nem sempre entendem.

O único instrumento músico é a flauta, singela ou composta de três tubos, de todos os tamanhos, desde o menor até outros, cujo maior tubo tem o comprimento da altura de um homem alto.

Arcos e flechas exercem um papel importante nas danças, principalmente uma espécie de flecha nas duas tribos Tupi (nos Auetés e Kamayurás), a qual não se atira com os arcos mas sim com a mão, por meio de um instrumento especial. Na minha opinião representa o uso desta arma, cuja invenção ficou aparentemente perdida pelas outras tribos brasileiras, e constitui um testemunho bastante importante sobre serem de origem muito antiga as tribos Tupis no Xingu. Todas as danças fazem-se dentro ou em frente da casa festival, por eles chamada casa de flautas.

As mulheres – no juízo deles morreriam se entrassem ali.

Mas a outros respeitos a posição da mulher índia, que por muitos escritores invariavelmente foi considerada como burro de carga, é decididamente um pouco melhor do que se pensa, e portanto este título não lhe cabe.

No Kuliseu, a mulher talvez seja criada dos homens; elas, porém, tanto como as suas irmãs civilizadas, sabem bem o meio de governá-los.

São mães dedicadas e com seus maridos vivem em monogamia. Não existem cerimônias de casamento. A moça vai com o homem que a escolheu à sua choupana; o homem arma a sua rede acima da rede dela e já está pronto o casamento. É interessante ver que os maridos idosos se acham geralmente de posse de raparigas novas e das mais bonitas que poderão prestar-lhes mais serviços do que as velhas.

A mulher é o melhor espólio de guerra. Em 1884 os Suyás convidaram-nos a participar de uma campanha guerreira contra os Trumáis e não compreenderam a nossa recusa à vista da solenidade com que nos prometeram a metade das mulheres.

Nas ocasiões do parto, o marido também tem o seu resguardo, deve ficar alguns dias na sua rede, tomando só água e mingau; não pode sair de casa nem pegar nas suas amas.

Dizem eles; se o pai comer carne ou peixe fará mal ao recém-nascido da mesma forma como se tivesse ele próprio comido; são as relações das crianças mais íntimas com o pai do que com a sua mãe; esta é somente considerada por eles como o campo em que se colocou a semente; do pai deriva-se o corpo e a alma do filho. Todavia, à mãe pertence o parentesco da criança; pois nunca poderão ser levantadas dúvidas a respeito de sua procedência materna.

Os mortos enterram-se no largo em frente da casa de festa com a cabeça em direção do leste, tendo por cima buracos ou canais especiais para facilitar o acesso às formigas e insetos, e o lugar da sepultura é marcado com estacas que aí ficam até completar-se o processo da decomposição.

A crença da continuação da vida depois da morte é geral; existe a idéia de uma alma a qual durante o sono deixa o corpo e emigra para os lugares em que eles estão sonhando. Por isso não é bom acordar uma pessoa de repente: poderia acontecer que a alma não tivesse tempo de voltar.

Mas todas estas idéias são de um caráter infantil, não-desenvolvidas e aperfeiçoadas. Dos seus antepassados existem muitas lendas interessantes que passam invariavelmente de geração em geração e parecem conter em parte palavras já antiquadas.

Nos Bakairis fiz, na minha opinião, a mais bela aquisição de meus estudos nesta viagem, aprendendo o mito sobre a origem do mundo que para eles se limita às cabeceiras do Xingu e Paratininga.

Tive a felicidade de poder traduzir o sentido desta história que parece uma epopéia na sua forma mais simples. Será talvez o documento mais

Acervo ISA

notável da mitologia do índio sul-americano; ao menos até hoje não nos consta existir outro igual.

Muito característica nestes contos é a posição do homem relativamente ao animal. A idéia de que os animais são essencialmente diferentes de nós pela natureza e que nós temos origem especial, mais elevada, é estranha aos índios.

O avô da tribo dos Bakairis, por exemplo, foi uma onça pintada, e do desenvolvimento das suas lendas se conclui que homens e animais representam um papel qualitativamente igual; o homem é simplesmente o animal mais forte e mais inteligente; o Bakairí ainda hoje fala dos Trumáis com o maior desprezo, por considerá-los convictamente serem eles verdadeiros animais.

Não obstante os seus mitos estarem cheios de metamorfoses hoje impossíveis, a idéia de um Deus pessoal não encontramos; um ente a que se adore e se dedique, um culto ainda o mais simples é desconhecido por eles; nunca vi vestígios de ídolos.

Têm feiticeiros que pretendem conjurar trovoadas. Sempre causou-nos muita alegria ver estes homens encher as bochechas e borrifar com toda força as nuvens – o que desejavam que eu também fizesse. Eles acusam os feiticeiros de qualquer doença ou morte proveniente dela. Os seus médicos curam soprando com a fumaça de tabaco. Sem dúvida, poderemos retraçar o uso da nicotina em nossos dias até estes métodos curativos e a convicção da sua eficácia em resultado do fato da crescente produção da saliva. O primeiro remédio adotado pelo homem não era diferente do empregado pelo animal que se lambe na parte doente. Tive de molhar com a saliva da minha boca o ouvido dos índios para eles poderem entender as minhas palavras; enquanto eles nos fizeram seus protestos de amizade, sopraram-nos fumaça de tabaco nos ouvidos.

Portanto, quem achar gosto e felicidade fumando, tem de agradecer esta invenção à ciência médica da pré-história.

Os feiticeiros gozam quase de tanto respeito como os caciques; o poder destes últimos não é muito grande, talvez o seja em guerra. Se a tribo de uma aldeia, porém, se acha descontente com seu chefe, usa de um meio idealmente simples: a tribo emigra e o governo fica entregue a si mesmo.

Parece que crimes quase não acontecem; eles furtam como furtam as crianças. Palavras abstratas para significar a virtude, etc., faltam-lhes pela razão de não existir a respectiva idéia.

O índio tem não somente índole boa como também humor bem alegre.

Quem inventou a frase dos livros: "o índio não se ri" nunca esteve no Xingu sentado, conversando com os indígenas ao lado do fogo noturno. O índio, sem dúvida, é desconfiado, mas a quem ele se entrega é companheiro fiel e franco.

Uma expedição que se empreendeu no Mato Grosso no ano passado para exploração de ouro, na qual se encontraram índios na vizinhança próxima da nossa região, ficou malograda voltando em cheia debandada

depois de um combate; sendo minha firme convicção de que esse malogro foi devido à falta de experiência dos expedicionários que se deixaram desviar pelo tumulto usual nas ocasiões do encontro: não é a espingarda que serve para a pacificação dos índios.

Em Cuiabá zombaram muito de mim em conseqüência do que eles chamavam a minha "amizade com os selvagens".

Aceito este termo de muito bom grado. Então eu não devia chamar de amigos meus àqueles que nos forneceram comida quando ficamos desprovidos de tudo, àqueles que nos guiaram a salvamento pelas cachoeiras as mais perigosas, àqueles que na nossa volta nos acompanharam todo o rio abaixo, com lágrimas nos seus olhos quando fizemos nossas despedidas? O índio não somente ri, ele chora também às vezes.

Com quatorze canoas voltamos à invernada. Encontramos a nossa gente em boas condições, pois os Bakairis, ao meu pedido, tinham-lhes levados beijus e mandioca durante toda a nossa ausência.

A nossa comitiva indígena contemplou com interesse imenso o acampamento e sobretudo os cães e as mulas.

Mostraram coragem de montar, mas, uma vez no caminho, infelizmente, não sabiam fazer voltar os animais sem nossa ajuda.

De boa-vontade demos-lhes tudo de que não tínhamos mais necessidade. Mais de 1.400 facas e facões receberam a gente do Kuliseu e deste modo acabou-se a idade da pedra no Xingu.

Teríamos demorado por mais tempo nestes lugares, porém a estação das águas tinha começado muito cedo e o estado sanitário do nosso pessoal era péssimo. Todos sofreram de febres repetidas, só nós não tivemos razão para queixas; desde muitos meses tomamos arsênico, diariamente 10 a 12 miligramas, e só assim posso compreender que passamos muito melhor do que em 1884.

A viagem das últimas seis semanas efetuou-se debaixo de chuvas torrenciais. Dia e noite o céu despejou as suas águas; os riachos encheram-se de um modo espantoso. Todos os couros apodreceram, mas mesmo assim, estando molhados, tinham de servir de pelotas, para nelas passarmos a carga e os da nossa gente que não sabiam nadar.

As nossas conservas alimentícias já se tinham acabado há muito; sustentávamos-nos então dos veados que caçávamos, comendo até com muito gosto os machos, apesar da sua catinga. Mas não ficou nisto. Os alferes Perrot e Januário em uma ocasião perderam o caminho e a despeito de todos os esforços de nossa parte não pudemos encontrá-los. Durante onze dias andaram perdidos sem saber mais quais as águas afluentes ao Batovi ou ao Paranatinga.

Só uma vez conseguiram matar um veado. Em conseqüência das chuvas copiosas apenas no nono dia nos foi possível fazer fogo no campo para indicar-lhes a direção pela fumaça da queimada.

Eles não tinham ainda voltado quando nós chegamos no Paranatinga, precisa acrescentar que saímos em lugar diferente daquele em que

Acervo ISA

passamos na ida com o fim de completar o nosso mapa. Tínhamos somente palmitos amargos e raízes do campo a comer.

Para aumentar o nosso caiporismo os peixes do rio extraordinariamente cheio e de uma largura de 120 metros mais ou menos não queriam pegar. Do outro lado do rio, na distância de cinco léguas achava-se a fazenda S. Manuel, mas tinha de construir-se uma canoa. Para não prolongar a nossa situação naquele momento seriamente comprometida, eu, junto com um camarada, atravessei imediatamente o rio a nado, e depois de ter vencido do mesmo modo o rio S. Manuel que apresentou uma largura igual, cheguei no dia seguinte na dita fazenda.

Voltando então com víveres, senti a mais sincera alegria e júbilo ao encontrar ali os dois extraviados. Infelizmente porém Januário estava louco em conseqüência dos desesperos, fadigas e fome, e só paulatinamente restabeleceu-se.

No dia 31 de dezembro entramos em Cuiabá.

Cheio de gratidão, queria destacar neste momento os merecimentos do Sr. alferes Perrot relativamente à expedição; ele mostrou-se dedicado e companheiro fiel, quer nos dias prósperos, quer nas adversidades da viagem.

O nosso trabalho comum foi coroado de sucesso, sucesso que em primeira linha aproveita a ciência, oferecendo ao mesmo tempo, a respeito da pacificação dos índios, de novo os problemas tão nobres e dignos das aspirações da nossa época.

Qual será o futuro dos nossos amigos do Xingu?

São três mil aborígenes que apresentamos, primitivos como saíram das mãos da natureza; portanto, capazes de desenvolvimento intelectual e moral se forem guiados propriamente, ou brutais se forem maltratados.

Um sem número dos seus irmãos ficou aniquilado por duas espécies de barbarismos criados aliás por nossa raça de mais nobre categoria: uma a guerra feroz, a outra a especulação sórdida.

Não será fácil escolher o caminho mais reto. Mas é de esperar que a mão benigna que libertou da escravidão os descendentes da África tenha também o poder suficiente de proteger os naturais deste continente e bem assim bastante clemência para educar estes brasileiros que são mais senhores da sua sorte e isto mesmo ignoram.

Agradeço finalmente a VV.AA. Imperiais e a esta distinta assembléia a paciência que tiveram durante tanto tempo acompanhando-me no veículo escabroso do meu sotaque estrangeiro.